

CRISE

Classes A e B mais atingidas

■ **Renda média dessas camadas registrou queda de 8,7% de janeiro a abril**

A crise econômica global atingiu em cheio o bolso dos brasileiros mais ricos. De janeiro a abril, a renda média das pessoas das classes A e B nas seis principais regiões metropolitanas caiu 8,7% em termos reais, ante igual período de 2008, saindo de R\$ 2.637 para R\$ 2.407. Em 2008, a renda das classes A e B já havia caído 7,01%, ante 2007.

Na visão do economista Marcelo Neri, que calculou estes números, a queda em 2008 deve ter sido influenciada pelos meses após a crise global, iniciada em setembro.

A boa notícia, nesse levantamento feito por Neri, que chefia o Centro de Política Social da Fundação Getúlio Vargas (FGV), é que a classe C, muito atingida em janeiro, se recuperou. O trabalho mostra que a renda média das pessoas de classe C

cresceu 3,9% de janeiro a abril deste ano, comparada com os mesmos meses de 2008, subindo de R\$ 625 para R\$ 649. Em 2008, já havia aumentado 6,12%.

Coerentemente com esse resultado, a classe C já representava, na última semana de abril, 53,6% da população das seis regiões metropolitanas, depois de ter caído de 53,81% para 52,64% apenas em janeiro. Para o economista, a classe C pode ter sido protegida de um impacto maior por algumas medidas do governo, como o aumento do salário mínimo.

Uma das principais razões pelas quais a turbulência está atingindo mais fortemente os mais ricos são as próprias características da crise global. Ela se iniciou no sistema financeiro dos países ricos e depois se transmitiu ao setor real dessas eco-

nomias centrais. No Brasil, a transmissão ocorreu, num primeiro momento, no próprio sistema financeiro, e em seguida nos segmentos da nossa economia que transacionam com o mundo desenvolvido, onde está situado o verdadeiro centro da crise.

BELÍNDIA BRASILEIRA

Neri explica que o setor exportador tende a ser o mais moderno da economia e, por isso, tem em geral pessoas com rendimentos mais altos do que a média, que acabaram sendo as mais afetadas pela crise. "Na Belíndia brasileira, quem transaciona com o exterior são os belgas", ele diz, fazendo referência à expressão cunhada pelo economista Edmar Bacha, que divide o Brasil entre uma parte moderna (Bélgica) e uma atrasada (Índia - o termo foi criado antes da decolagem recente deste país).

A indústria, aliás, sofreu um impacto muito forte da redução das

exportações, responsáveis por cerca de metade da queda da produção industrial a partir de setembro. Neri fez um cálculo sobre a probabilidade de os trabalhadores caírem de classe social em dois períodos da crise - de setembro a dezembro de 2008 e em janeiro e fevereiro de 2009. Para o grupo de trabalhadores como um todo, essa probabilidade cresceu de 1,9% para 11,4% entre os dois períodos, por conta da crise.

Em seguida, ele estimou o quanto maior (caso de fato fosse) era a probabilidade de alguém empregado na indústria ou no setor financeiro cair de classe social, quando comparada com o risco dos trabalhadores como um todo. De setembro a dezembro, a probabilidade no setor financeiro era 8,5% maior do que a da média dos trabalhadores, o que saltou para 13,6% em janeiro e fevereiro. Na indústria, as possibilidades de cair de classe eram 2,7% maiores do que a dos trabalhadores como um todo de setembro a dezembro, e 4% maiores nos dois primeiros meses de 2009.

SAIBA +

Os critérios da FGV definem as classes A e B como aquelas com renda superior a R\$ 4.592 por mês. A classe C tem uma renda de R\$ 1.064 a R\$ 4.591. O segmento D possui um rendimento entre R\$ 768 a R\$ 1.064. Abaixo de R\$ 768, as pessoas são enquadradas

na classe E.

As classes A e B, as mais altas da pirâmide social brasileira, perderam espaço em termos de ascensão social desde o agravamento da crise financeira internacional em setembro do ano passado, caindo 0,65% no período compreendido até dezembro.

No mesmo período dos dois anos anteriores - 2007 e 2006 - as classes A e B subiu 3% na pirâmide.

De cada cem pessoas que estavam nas classes A e B 20 caíam a cada ano. Hoje, essa relação chega a 25. Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E.

Nível de ocupação e salário

Tanto o nível do salário quanto o aumento do desemprego afetaram a renda média das classes A e B nos quatro primeiros meses do ano. O estudo de Marcelo Neri decompõe a mudança na renda entre os componentes salário e ocupação. Isto é, como se trata da renda média de todo o grupo, tanto a mudança do salário médio como do número de empregados afetam o resultado.

De janeiro a abril, a queda real dos salários das classes A e B foi de 3,7%, dividida entre 3,52% de redução dos salários por hora trabalhada e de 0,18% de diminuição das horas trabalhadas. Já a queda nos rendimentos por causa da menor ocupação foi de 5,3%. Isso se deveu tanto a um crescimento do desem-

prego, de 4% para 7,3%, quanto ao aumento das pessoas em idade de trabalhar, mas que não buscam emprego - que tecnicamente são desocupadas, mas não desempregadas -, de 16,7% para 18,2%. É a combinação dos efeitos do salário e da ocupação que dá a redução de 8,7% na renda do trabalho das classes A e B, no período.

Durante todo o ano de 2008, a queda salarial das classes A e B foi de 2,7%, e a redução de renda média por causa do aumento das pessoas desempregadas ou fora da força de trabalho foi de 4,4%. O efeito combinado foi uma redução de 7,1% na renda do trabalho.

Na classe C, de janeiro a abril, houve aumento de 6,8% nos ganhos

salariais, composto pelo crescimento de 7,2% do rendimento por hora trabalhada e pela redução de 0,44% nas horas trabalhadas. Já na ocupação, houve um efeito negativo no rendimento médio da classe C, nos quatro primeiros meses do ano, de 2,7%, com um aumento do desemprego de 7,4% para 9%. Para as pessoas em idade de trabalhar, mas que não buscam emprego, o aumento foi de 23,4% para 24,1%. O efeito conjunto dos ganhos salariais e da queda da ocupação foi o aumento de 3,9% na renda do trabalho.

Neri nota que, apesar de sair de um nível mais alto, o desemprego na classe C teve um aumento bem menor do que o das classes A e B nos primeiros quatro meses de 2009.

ANTONIO CRUZ/ABR



Segundo Marcelo Neri, a classe C tem mostrado recuperação e já representa 53,6% da população